

AS LIÇÕES DAS "JORNADAS DE MARÇO"¹

(Última² carta de Gorter a V. I. Lênin)

Herman Gorter

Querido Camarada Lênin,

Quando nos despedimos em novembro de 1920, suas últimas palavras a propósito de nossas ideias tão divergentes sobre a tática revolucionária na Europa Ocidental foram que, nem seu parecer nem o meu foram suficientemente submetidos à prova, que seria a experiência que demonstraria qual de nós dois tinha ou não razão.

Tese com a qual estávamos ambos em completo acordo.

Agora, nos dias correntes, temos à nossa disposição mais de uma experiência. Permita-me mostrar-lhe, a partir de meu ponto de vista, as lições que podemos retirar de tais experiências.

Você se recorda que no Congresso de Moscou, você mesmo e o Comitê Executivo da III Internacional tinham-se declarado a favor do parlamentarismo, pela infiltração nos sindicatos operários e pela participação nos conselhos industriais legais na Alemanha, único país da Europa em que se havia efetivado um processo revolucionário.

O Partido Comunista Operário da Alemanha – KAPD³ (na sigla em alemão) e os marxistas holandeses responderam que sua tática conduziria a um extremo

¹ Escrito em 1921. Primeira edição em francês em *L'ouvrier Communiste*, órgão mensal dos Grupos de Operários Comunistas, Paris, nº 9/10, mayo 1930. Esta tradução foi feita a partir do texto disponível em: <https://www.marxists.org/espanol/gorter/1921-marzo.htm>. Tradução e notas: Lucas Maia.

² Herman Gorter escreve em 1920 uma longa carta na qual refuta ponto por ponto os pseudoargumentos de Lênin em seu panfleto *Esquerdismo, Doença Infantil do Comunismo*. Esta carta de Gorter foi publicada no Brasil por Maurício Tragtemberg (TRAGTEMBERG, M. **Marxismo Heterodoxo**. São Paulo: Brasiliense, 1981). Esta carta, de 1921, que vertemos agora ao português é a confirmação de que as críticas feitas por Gorter a Lênin em 1920 estavam completamente corretas e a prática da Revolução Alemã o demonstrou.

³ KAPD – Partido Comunista Operário da Alemanha. Dissidência do KPD – Partido Comunista Alemão. Este é dissidência do USPD – Partido Socialdemocrata Independente da Alemanha, que por sua vez é dissidência do SPD – Partido Socialdemocrata da Alemanha. Está nas declarações de fundação do KAPD que ele não é um "partido no sentido tradicional do termo", ou seja, embora tenha mantido o

enfraquecimento da revolução, ao caos dentro do proletariado, às desavenças e ao desentendimento entre os comunistas e, por conseguinte, à mais desastrosa das derrotas. Em contrapartida, o antiparlamentarismo, a organização por fábrica, as uniões operárias e seus comitês de ação revolucionários conduziram, na Alemanha e na Europa Ocidental, à intensificação do processo revolucionário e, finalmente, à unificação o proletariado.

Você pretendia – e com você estava o Comitê da III Internacional – reunir as massas sob sua direção política e sindical sem saber se as massas eram verdadeiramente comunistas. É o que fizeram em Tours, Florência e Halle. Seu objetivo era dar a estas massas tão somente outros chefes.

Nós, pelo contrário, queríamos destruir as velhas organizações e construir outras de novo tipo, de baixo para cima, animadas por uma nova mentalidade. Não queríamos agrupar mais que verdadeiros comunistas.

Vocês queriam exportar para a Europa Ocidental a tática que empregaram na Rússia, onde o capitalismo era ainda pouco desenvolvido e onde tinham como aliados os camponeses.

Nós, na Europa Ocidental, tínhamos clareza de que o proletariado está só em sua luta contra o gigantesco capitalismo, que tem à sua disposição o crédito e as matérias-primas. Para nós era, pois, necessária nossa própria tática, totalmente distinta, obviamente, da de vocês.

Vocês queriam a ditadura do partido, ou seja, a de alguns poucos chefes.

Nós queríamos uma ditadura de classe.

Vocês levavam a cabo uma política de chefes. E nós, uma política de classe.

uso da palavra partido, suas práticas e concepções em nada se aproximam de um partido político. Para mais informações sobre a formação da esquerda germano-holandesa cf. AUTHIER, Denis. **Para a história do movimento comunista na Alemanha de 1918 1921.** In: _____ (org.). *A esquerda alemã (1918-1921)*. Porto: Afrontamento, 1975; GOMBIN, Richard. **As origens do esquerdismo.** Porto: Afrontamento, 1972; MAIA, L. **Comunismo de Conselhos e autogestão social.** Pará de Minas: VirtualBooks, 2010. Entre outros (Nota do tradutor).

No fundo, a tática de vocês segue sendo a da III Internacional. Não mudaram senão a fachada externa, os nomes, os *slogans*. Essencialmente, continuam pertencendo (no campo europeu, como no russo) à velha escola de antes da revolução.

As Jornadas de Março do proletariado alemão em 1921 demonstraram quem de nós tinha razão. Você, Camarada Lênin, com o Comitê Executivo da III Internacional, ou, pelo contrário, o KAPD com os marxistas holandeses? As Jornadas de Março deram a resposta e demonstraram que os *esquerdistas*⁴ tinham razão.

Havia na Alemanha dois partidos, cada um com sua própria tática, participando ambos no movimento. O Partido Comunista da Alemanha – KPD (na sigla em alemão), segundo sua tática e o Partido Comunista Operário da Alemanha – KAPD, segundo a nossa. E, quais foram os resultados? Como se comportaram na ação? (Pois, acaso não é sempre necessário, especialmente no tema do qual nos ocupamos agora, que a tática, os princípios e a teoria encontrem sua justificativa na ação?).

O KPD, por meio de sua ação parlamentar, que somente expressava a decepção das massas ante o capitalismo, acabou por desviar o proletariado de uma verdadeira ação revolucionária. Ele logrou em reunir centenas de milhares de não comunistas, convertendo-se em um partido de massas. Com sua tática de infiltração, constituiu-se em sustentáculo dos sindicatos e com sua participação nos conselhos industriais legais, traiu os conselhos revolucionários e, portanto, enfraqueceu a revolução. O KPD, com tudo isto, não fez outra coisa senão seguir, camarada Lênin, seu conselho, sua tática, a do Comitê Executivo e a da III Internacional. E, como consequência de tudo isto, caiu de vez na inatividade (por exemplo, durante a ofensiva contra Varsóvia), na traição diante da necessidade de ação (no *putsch* de Kapp, por exemplo), a partir de simulacros de ação e de uma publicidade de tambores e fanfarras, chegou unicamente ao reformismo, drenando constantemente o ímpeto de luta dos trabalhadores ao lugar que os

⁴ Lênin publica em 1920 um panfleto intitulado *O Esquerdismo, Doença Infantil do Comunismo* no qual ataca vários grupos e militantes contrários à política da III Internacional e críticos do que havia se tornado a Revolução Russa. Os autores e as tendências criticados por Lênin ficaram a partir de então conhecidos como esquerdistas. O que, na caneta de Lênin, tinha um tom pejorativo, passou a ser o modo como se qualificou o conjunto de autores, grupos, tendências que criticam o bolchevismo. Entre os autores criticados no panfleto de Lênin encontram-se Amadeu Bordiga, Silvia Pankhurst, mas, sobretudo, a esquerda germano-holandesa representada por Otto Rühle, Herman Gorter, Anton Pannekoek etc. (Nota do Tradutor).

capitalistas sempre quiseram conduzir a luta proletária (exemplo: a greve dos eletricitistas em Hamburgo, nas fábricas Ambi e Lema etc.). Enfim, quando a revolução alemã já estava em pleno retrocesso e enfraquecida, os melhores elementos do KPD começaram a questionar, cada vez com maior ardor, a serem conduzidos a ação – então, de uma hora pra outra, o KPD se decidiu a uma grande intentona com vistas à conquista do poder político.

Eis aqui em que consistiu: antes das provocações de Hörsing e da Sipo, o KPD se decidiu gradualmente a uma ação, superficial, de cima pra baixo, sem o espontâneo impulso das grandes massas: em outras palavras, adotou a tática do *putsch* (golpe).

O Comitê Executivo da III Internacional e seus representantes na Alemanha vinham insistindo há muito tempo que o KPD, devido seu profundo comprometimento, demonstrou ser um verdadeiro partido revolucionário. *Como se o essencial de uma tática revolucionária consistisse unicamente em se comprometer profundamente!...* Pelo contrário, quando em vez de fortalecer a força revolucionária do proletariado, um partido mina, debilita esta mesma força à custa de seu apoio ao parlamento e aos sindicatos, e que, depois de tais preparativos, decide-se, de repente à ação lançando-se à dianteira deste mesmo proletariado ao qual acabara de debilitar, em todo este procedimento não se verifica outra coisa senão um *putsch*, ou seja, uma ação decretada a partir de cima, que não tem sua origem nas próprias massas, e que, por conseguinte, está destinada ao fracasso. Esta tentativa de *putsch* não é, de modo algum, revolucionária. É oportunista, da mesma forma que é oportunista o parlamentarismo ou a tática de infiltração de células de membros do partido entre os vários grupos adversos.

Esta tática *putchista* é o reverso inevitável do parlamentarismo e a tática da infiltração, do recrutamento de elementos não comunistas, da substituição da tática de massa ou de classe pela tática de chefes. Uma tal política, débil, apodrecida, tem que conduzir fatalmente aos *putschs*.

Como poderia o KPD – corrompido pelo parlamentarismo, internamente debilitado pelo peso morto dos não comunistas, com desavenças entre, pelo menos seis tendências, posto a serviço de uma tática de chefes, contrário à tática de massa – ter realizado uma ação revolucionária?

Onde teria encontrado o KPD a força necessária, frente a um inimigo tão formidável como a reação alemã armada até os dentes? Frente ao capitalismo financeiro e comercial, que consegue fazer um bloco de todas as classes contra o comunismo?

Quando chegou a provocação de Hörsing por parte do governo, quando uma geral e tenaz resistência se fez necessária, e quando as massas começaram a sublevar-se na Alemanha Central, o KPD, devido sua debilidade interna, não foi capaz de nenhum combate efetivo. Aquilo foi sua ruína. Pelo menos a metade de seus membros permaneceu inerte – em outras partes lutaram entre eles mesmos. A reação ganhou sem esforço.

Quando a derrota já se iniciava, Levi, vosso antigo protegido e porta-bandeira, homem que juntamente com Radek, você e o Comitê Executivo são os maiores responsáveis pela introdução em Alemanha e Europa Ocidental desta debilitante tática, desta tática do *putsch* – este Levi atacou pelas costas os membros mais combatentes do KPD. Aqueles que, apesar de sua tática equivocada, haviam-se mostrado como verdadeiramente revolucionários. Enquanto milhares dentre eles se lhes citou ante aos tribunais, ele os denunciou, a eles e a seus chefes. Ele, com sua tática, não é somente corresponsável pelo *putsch*, mas também pelos terríveis castigos da repressão. E é com ele precisamente que se coligam elementos como Dáuming, Geyer, Clara Zetkín, e junto com eles – fato muito significativo – toda a fração parlamentar do partido.

O Partido Comunista Alemão recebeu assim um duro golpe. E com ele foi ferido todo o proletariado da Europa Ocidental, a revolução russa e a revolução mundial. O KPD, único partido comunista de massa na Europa Ocidental, provavelmente será reduzido a nada. Certamente, este será seu fim enquanto partido revolucionário.

Este partido, camarada, foi construído segundo vossos princípios, num país cujas condições econômicas se encaminham para um processo revolucionário. E, no primeiro golpe que ele enceta, vem abaixo. Enquanto seus mais valentes militantes morrem, são fuzilados, enchem as prisões, eles mesmos são traídos por seus próprios chefes. Eis aqui o exemplo que deu o KPD e sua tática.

Vejamos agora o outro exemplo, a outra tática: a do KAPD.

O KAPD, que rejeita o parlamentarismo, nem tampouco se interessa pelos antigos sindicatos, que defende as organizações de fábrica, não terá nunca, portanto, a necessidade da tática do *putsch*, que é sempre consequência de falta de solidez interna. Pois bem, o KAPD não terá que padecer de falta de solidez interna, pois só admite como membros elementos comunistas, porque, para ele, o que conta é a qualidade; porque não tem uma política de chefe, mas sim uma política de classe; por que não quer uma ditadura do partido, mas sim uma ditadura de classe. Eis aí a razão pela qual, para ele, não se pode colocar a questão do *putsch*. No caso que agora nos ocupa, o KAPD não seguiu a tática *putschista*. Sua tática fundamenta-se no fato de que o partido ou a direção de um partido não podem tomar a decisão de uma revolução ou de uma grande ação insurrecional, mas sim que a situação, ou seja, a vontade de combate das massas é quem deve decidir. A tática do KAPD quer fortalecer o proletariado desenvolvendo sua consciência e ampliar sua força revolucionária constituindo organizações eficazes de combate. Obviamente, isto não pode realizar-se a não ser no combate mesmo, sem esquecer jamais a luta imposta pelo inimigo ou surgida espontaneamente nas massas.

É assim que o KAPD sempre atuou, o contrário do que tem feito os partidos Socialdemocrata, Independente e Comunista da Alemanha. Foi assim que atuou durante o *putsch* de Kapp, a greve dos eletricitistas, a ofensiva russa na Polônia, as numerosas greves na Alemanha, como, também, durante as Jornadas de Março. Com esta tática verdadeiramente revolucionária não podem dar-se ações arbitrariamente aprendidas.

Nas Jornadas de Março, o KAPD não iniciou a luta, a não ser depois do ataque do governo.

E agora, quer você comparar o KAPD com o KPD durante e depois da ação? O Partido Operário Comunista da Alemanha mostrou-se tão firme em seus princípios e em sua tática, que, na ação, não houve desacordo algum, e que, inclusive depois da derrota, reinou a mais completa unidade na assembleia dos delegados. Apesar da derrota, sua força se viu incrementada, assim como também a da União Geral Operária – AAU (na sigla em alemão).

Esse é o balanço de sua tática e a da III Internacional e a tática do KAPD.

Camarada Lênin, não é por pedantismo que quero considerar mais profundamente estes problemas. É por que deles depende a tática da revolução em Europa Ocidental, assim como da revolução mundial. Consideremos, pois, mais de perto os detalhes de tática – da sua e da dos esquerdistas.

Queríeis o parlamentarismo. Queríeis representar um papel no teatro, por detrás de cujos bastidores se oculta o Novo Estado Alemão de Stinnes y do Orgesch, teatro que carece de verdadeiro poder. Com seus métodos, os operários foram alijados dos verdadeiros problemas da revolução, congregaram-se (com as eleições) massas com as quais não se podia contar, parte dessas massas devia forçosamente faltar nos momentos decisivos. Com estes métodos, a corrupção interna era inevitável.

Nós éramos, como ainda somos, antiparlamentaristas. Nós não queríamos a luta fictícia, mas sim a verdadeira luta. Por isto o KAPD permaneceu unânime e irremovível.

Queríeis os conselhos industriais legais. Recomendaram-nos aos operários, impuseram aos operários que os reconhecessem como órgãos da revolução. Que papel desempenharam durante as Jornadas de Março? Abandonaram a ação revolucionária e a traíram.

Nós defendíamos os comitês de ação revolucionários. E, enquanto os conselhos industriais permaneciam inativos e traíam, durante as Jornadas de Março, os comitês revolucionários de ação surgiram espontaneamente das massas e empurraram o movimento adiante.

Queríeis atuar sobre os sindicatos por meio de núcleos comunistas. O que realizaram estes núcleos? Conseguiram fazer os sindicatos avançarem? Não há registros que algo assim tenha ocorrido. Estes núcleos não realizaram nada. Inclusive, muitas vezes se tornaram parte da burocracia sindical.

Nós defendíamos a organização por fábrica e a reunião destas organizações dentro de uma União Geral Operária (AAU), por que a luta revolucionária não pode ser dirigida senão no campo industrial e sobre a base industrial. E o que nos demonstrou as Jornadas de Março? Lutou-se nas indústrias e pelas indústrias. Foram as organizações de fábrica as que lutaram. São elas e não os sindicatos por ofício, as que formaram o ponto

de apoio da revolução. As Jornadas de Março forneceram a prova de que, para a revolução, as organizações de fábrica são indispensáveis.

O KPD, camarada Lênin, apesar do heroísmo de um importante número de combatentes, paralisou a revolução com esta tática (que é também a sua) com seu *parlamentarismo, sua infiltração nos sindicatos e seus conselhos industriais legais*.

O KAPD, a AAU e as organizações de fábrica apareceram aos olhos do mundo inteiro como os verdadeiros chefes da revolução alemã, ou melhor, da revolução na Europa Ocidental e no mundo inteiro.

Queríeis a organização, obtiveram o caos. Queríeis a unidade, obtiveram a cisão. Queríeis uns poucos chefes, obtiveram uns poucos traidores. Queríeis as massas, obtiveram umas poucas seitas.

(Ainda é necessário que se acrescente mais esta observação: você, camarada Lênin, com seus Zinovieiv, Radek e tantos outros dentro da III Internacional, disseram que a tática do KAPD não serviria a não ser para produzir seitas). Vejamos, contudo, o que sucede! Seu KPD compreende, pelo que consta, 500.000 membros. Porém, ele mesmo acrescenta (em seu congresso), e todo mundo bem o sabe, que a maioria não é comunista. Suponhamos, contudo, que a metade o seja. Neste caso, por meio de sua tática e a da III Internacional, sobre os 9 milhões de sindicalizados na Alemanha, agruparam vocês 250.000 comunistas. Porém, quantos comunistas há dentro da União Geral Operária (AAU), que foi estabelecida segundo os princípios do KAPD? Em números redondos: 250.000. Avaliada em cifras, nossa tática resultou, pois, tanto quanto a sua.

Porém, não é só com relação aos números que nossa tática revelou-se superior. Existem ainda outras diferenças: em primeiro lugar, o KPD e os núcleos que foram criados consumiram muitos milhões de marcos em periódicos, organização e propaganda – o KAPD e a AAU não gastaram um único centavo. Em segundo lugar, o KPD e seu núcleos desmoronaram em suas mãos, enquanto o KAPD e a AAU são sólidos e estão em pleno desenvolvimento. O KPD e seus núcleos estão carcomidos por traições internas. O KAPD e a AAU crescem em solidez e unidade.

A realidade nos proporcionou os seguintes elementos de experiência: como claramente demonstraram as Jornadas de Março do proletariado alemão, como a

Internacional inteira, esperemo-lo, o reconhecerá, Camarada Lênin, sua tática, a do Comitê Executivo e a do Comitern conduz ao desmoronamento e à derrota, ao passo que a dos esquerdistas é geradora de unidade e força.

O III Congresso da Internacional deverá, pois, modificar sua tática. Camarada Lênin, nós reconhecemos a adequação de sua tática à Rússia e pessoalmente queria dizer-lhe que o juízo da história, pelo que vejo, considerando sua conduta revolucionária em seu conjunto, dirá que foi grande e a melhor possível. Em meu entender, você é, depois de Marx e Engels, nosso mais eminente guia⁵. Isto, contudo, não quer dizer que você não tenha se equivocado no que diz respeito à tática a empregar na Europa Ocidental.

E agora, nos dirigimos ao proletariado alemão dizendo: *“se, de verdade, estais convencidos, racional e efetivamente, de que são os esquerdistas quem tem razão, se estais disposto a lutar seguindo o método do KAPD e da AAU, então abandonem o KPD e todos os velhos partidos parlamentaristas; abandonem os sindicatos e adiram à União Geral Operária e ao Partido Comunista Operária da Alemanha”*.

E fazemos uma chamada a todo o proletariado da Europa Ocidental e de todo o mundo para que adotem nossa tática.

⁵ Esta apreciação de Gorter acerca de Lênin deve ser entendida dentro do contexto histórico. Ainda em 1921, a revolução russa era pouco compreendida e sobretudo havia muita ilusão e desinformação sobre o papel efetivado pelo bolchevismo dentro do processo revolucionário na Rússia. Havia uma imagem do bolchevismo e do próprio Lênin que não era propriamente o que o bolchevismo e Lênin eram. Em textos posteriores, tanto Gorter, quanto a esquerda germano-holandesa como um todo (Ruhle, Pannekoek, Korsch, Mattick etc.), irão realizar críticas muito mais profundas e acertadas com relação à política bolchevique e à produção intelectual de Lênin. A qualificação do bolchevismo como burocrático e de Lênin como ideólogo da burocracia irá se esclarecer ao longo da década de 1920 e sobretudo nos anos de 1930. A partir de então, as divergências deixam de ser meramente táticas, pois tanto o bolchevismo quanto seus ideólogos (Lênin, Trotsky, Stálin etc.) serão identificados como inimigos do proletariado. (Nota do tradutor).